



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

O DIPLOMATA E O EXILADO: JOAQUIM NABUCO E LIMA BARRETO EM TRÂNSITO

João Gonçalves Ferreira Christófaros Silva (UFMG)

RESUMO: O presente trabalho pretende apresentar uma reflexão acerca dos trânsitos de Lima Barreto e Joaquim Nabuco a partir do *Diário Íntimo* do primeiro e dos *Diários* do segundo. Tais trânsitos serão entendidos literal e metaforicamente, e se darão principalmente pelo contraste: Joaquim Nabuco viajou pela Europa, os Estados Unidos e a América Latina, Lima Barreto mal saiu do Rio de Janeiro durante sua vida; Nabuco encontrou-se com diversos escritores e intelectuais estrangeiros durante suas viagens, enquanto o contato de Lima Barreto com intelectuais estrangeiros limita-se, nos diários, a alguns poucos editores portugueses e a uma carta que lhe foi repassada por outro escritor; as diferenças de posição social, política, e da própria concepção de literatura dos dois autores; ainda, as diferenças de suas conformações ao campo literário em vida e na posteridade, que parecem traçar movimentos inversos (para Joaquim Nabuco, a consagração em vida e seu posterior esmaecimento; para Lima Barreto, o silêncio em vida e a consagração póstuma). Observar tais trânsitos nos diários dos escritores – gênero fragmentário e avesso à totalização que, também, transita entre diversas províncias do discurso – permite que vejamos as ambiguidades e hesitações desses trânsitos, bem como a complexa relação, relevante mas não determinante, entre circulação literária e consagração. Ainda, permite que tracemos uma divisão entre duas maneiras de se conceber a cultura, bem como as formas e possibilidades de acesso a ela, num momento de modernização acelerada e de modificações profundas nas relações entre a arte e o restante da sociedade. Joaquim Nabuco parece conceber e buscar um contato com a cultura como totalidade, dependente de uma espécie de absorção; em Lima Barreto, ao contrário, saltam aos olhos o contato com fragmentos da cultura, cuja organização se dá pela colagem.

Palavras-chave: Diário de escritor. Técnica. Deslocamento. Campo literário.

Então com vinte e sete anos, Joaquim Nabuco, poucos dias após chegar a Washington para servir como adido de legação, em 03 de janeiro de 1877 escreverá em seu diário:

A viagem está se limitando hoje a vistas. Viajar é ver. É menos fatigante comprar logo um ‘panorama’. Seria impossível convencer essas pessoas que nada há de semelhante entre ver uma cidade à

pressa mesmo fazendo um esforço para guardar na retina a imagem passageira que apenas afere e não pensar em ver coisa alguma, deixar-se ver, deixar-se penetrar pelos *environments*, até que o sentimento interno ou a idéia de vista se forme em nós – e dessa vez para sempre. O mesmo que se requer para gozar da arte, senão mais, é preciso para gozar-se da natureza, inteligentemente, isto é, compreendendo-a. (NABUCO, 2005, v. 1, p. 99)

Com a autoridade de quem já sabe muito bem como se deve viajar, Joaquim Nabuco traça, nesse trecho, uma maneira de se portar diante da paisagem que poderia ser descrita como um movimento de internalização, que demanda paciência, imersão, compreensão. Assim, a imagem que se tenta fixar na retina opõe-se ao sentimento e à ideia da vista: aquela, por mais que o sujeito observador se esforce, fatalmente desvanecerá. O sentimento e a ideia, ao contrário, não só não dependem de um esforço do observador, como necessitam, para surgir, que o observador abdique de sua posição de sujeito. É a paisagem quem deve agir sobre ele. A internalização, que permite uma fixação eterna da paisagem, concebe esta como totalidade a ser compreendida pela inteligência. Sete meses depois, ao visitar as cataratas do Niágara, Joaquim Nabuco se sentirá aliviado por não encontrá-la cheia de anúncios (NABUCO, 2005, v. 1, p. 200)

Em entrada de 31 de janeiro de 1905, Lima Barreto, então com vinte e três anos, anotarà: “Deixando a botica, fui à Rua do Ouvidor; como estava bonita, semi-agitada! Era como um *boulevard* de Paris visto em fotografia.” (BARRETO, 2006, p. 1256). Em uma cidade já conhecida, embora em uma localidade um tanto quanto distante de sua moradia, a vista da paisagem da rua do Ouvidor é justaposta à imagem de uma Paris vista, apenas, por uma imagem reproduzida tecnicamente. Não se trata de internalizar o que quer que seja, mas colar o que a retina registra com o que uma câmera fotográfica registrou em um lugar que, embora longínquo, torna-se, nesse movimento, de algum modo próximo, como uma lente que ajustasse o foco dos olhos.

No primeiro dia do mesmo mês, Lima Barreto escreverá:

Hoje, dia de Ano Bom (1º de janeiro de 1905) levantei-me como habitualmente às sete e meia para as oito horas. Fiz a única ablução do meu asseio, tomei café, fumei um cigarro e li os jornais. Acabando de lê-los, arrumei as paredes do meu quarto. Preguei aqui, ali, alguns retratos e figuras, e ele tomou um aspecto mais garrido. Há, de mistura com caricaturas do *Rire* e do *Simplicissimus*, retratos de artistas e gerais. Não faz mal; nesse aspecto baralhado ele terá o aspecto da vida ou da letra “A” do dicionário biográfico, que traz Alexandre, herói

de alto coturno, e um Antônio qualquer, célebre por ter inventado certa pomada. (BARRETO, 2006, p. 1237)

Novamente, estamos diante de um processo de colagem. A presença de caricaturas de periódicos humorísticos europeus – o *Rire*, francês, e o *Simplicissimus*, alemão -, ao lado de retratos de artistas e generais, aponta novamente para a intensificação dos processos técnicos de reprodução de imagem e para a circulação intercontinental de impressos. A colagem estabelece, também, uma relação horizontal, não hierárquica, entre as imagens. O “aspecto baralhado” da vida só pode ser projetado pelo recorte e pela montagem, de todo avessos à totalidade e à permanência. O gesto da escolha das imagens a serem coladas nas paredes do próprio quarto parecem apontar para uma exteriorização: a parede do quarto de Lima Barreto projeta-o para fora de si, através dos fragmentos de suas vistas e leituras.

Nosso esforço de leitura diante dos diários desses escritores estará muito mais para a colagem de Lima Barreto do que para a internalização da totalidade almejada por Nabuco. Como afirma Myriam Ávila (2016), na modernidade ocorre uma ruptura de todas as formas de narrar. Essa ruptura, que faz ver seus efeitos até os dias de hoje, caracteriza-se pelo privilégio da parataxe sobre a hipotaxe, da variedade sobre a hierarquia. O aspecto baralhado do diário opõe-se, da mesma maneira, à totalidade da obra. Se a referida ruptura operada na e pela modernidade também afeta nossa sensibilidade, capaz agora de enxergar valor no acúmulo paratático de notas escritas a partir do recomeço de cada dia, transformadas em uma espécie de totalidade precária somente pelo trabalho editorial que transforma o diário em livro sob a responsabilidade de um nome próprio, ela afetará também a maneira como o pesquisador lida com esse material. Nosso – ou seja, meu – intuito não será recuperar na totalidade os rastros das passagens físicas ou simbólicas de Nabuco e Lima Barreto pelo mundo conforme registrados em seus diários, mas montar, a partir de uma série de biografemas, imagens que sirvam para pensar a relação entre seus trânsitos, a modernidade e a vida literária enquanto aposta na consagração da posteridade.

Um estudo comparativo entre os trânsitos de Joaquim Nabuco e Lima Barreto deverá ser feito pelo contraste. O *corpus* escolhido, a saber, os *Diários* de Joaquim

Nabuco e o *Diário íntimo* de Lima Barreto, foram escritos em datas relativamente próximas – as primeiras entradas de Joaquim Nabuco são do ano de 1873, vinte e sete anos antes das primeiras notas reunidas no diário de Lima Barreto; as últimas entradas de Lima Barreto referem-se a 1921, onze anos após a morte de Joaquim Nabuco e o consequente fim de seu diário. Ressalte-se, no entanto, que o arco temporal coberto pela reunião dos dois diários caracteriza-se por uma modernização acelerada, no Brasil e no mundo; ainda, que as possibilidades oferecidas a cada um desses escritores foram radicalmente diferentes: Joaquim Nabuco teve amplo trânsito nos Estados Unidos e na Europa, inclusive entre escritores e intelectuais, além de alcançar, em vida, a consagração no Brasil; Lima Barreto, ao contrário, saiu, segundo consta em sua biografia escrita por Francisco de Assis Barbosa (2003), apenas três vezes do Rio de Janeiro: em 1900 ou 1901, foi para Barbacena, como aluno da Escola Politécnica; em 1910, para Juiz de Fora, provavelmente para fugir de pressões decorrentes de sua participação no julgamento da “Primavera de Sangue”; e, em 1921, para Mirassol, no interior do estado de São Paulo, a convite de Ranulfo Prata, que pretendia tirá-lo do Rio de Janeiro para facilitar sua abstinência de bebida alcoólica. Note-se que nenhuma delas advém de um propósito íntimo, de viagem ou turismo: Barbacena é um dever de escola; Juiz de Fora uma fuga; Mirassol, uma cura. Não há menção explícita a qualquer dessas viagens em seu *Diário íntimo*. Aí só transparece o desejo da viagem europeia. Em 20 de abril de 1914, escreverá: “Já prescindindo da glória, mas não queria morrer sem uma viagem à Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa, como a última refeição de um condenado à morte” (BARRETO, 2006, p. 1305). Mais adiante, na mesma estrada, completará: “Quando estiver bem certo de que não encontrarei solução, embarco para Lisboa e vou morrer lá, de miséria, de fome, de qualquer modo” (BARRETO, 2006, p. 1306). Lima Barreto tinha, à época, trinta e dois anos.

O caráter de urgência com que essa viagem é colocada – trata-se sobretudo de morrer na Europa, não de lá viver -, sintetiza bem uma das imagens que podemos depreender do escritor Lima Barreto: a do exilado. Conforme afirma Myriam Ávila (2011), é comum, nos diários de escritores, a encenação do escritor como uma espécie de exilado em sua própria terra: a percepção do meio intelectual próximo como provinciano e insuficiente, por um lado, e o desejo de deslocar-se para um local relativamente mais central para a atividade literária, por outro. Ambos os movimentos

contêm uma dupla geografia: física e política, por um lado, e simbólica, de outro. No caso de Lima Barreto, esse movimento de exílio torna-se especificamente dramático, na medida em que o exílio auto infligido é acompanhado pelo exílio ao qual foi submetido por boa parte do meio intelectual carioca. A auto percepção de Lima Barreto é a de quem possui o passaporte para a simbólica República das Letras – a “grande Humanidade de que quero fazer parte” (BARRETO, 2006, p. 1283) -, mas de quem não possui os meios para alcançar sua contraparte físico-política, a não ser por uma atitude desesperada. Por outro lado, há os que conseguem ir à Europa, mas mostram-se inadequados para a entrada na República das Letras:

Também o Miguel Austregésilo, gastador dos mais velhos paradoxos que se conhece. Passando seis meses em Paris, ou antes, em Bruxelas, trazia os bolsos cheios de cançonetas que nós conhecíamos aqui desde dous anos.

O outro, Amarante, é um bom menino.

É preciso saber que a todos eles eu devo valiosos favores. (BARRETO, 2006, p. 1252)

Localizado no fim de uma nota que contém uma espécie de lista de tipos inadequados de literatos, a caracterização de Miguel Austregésilo liga-se a uma questão espaço-temporal trabalhada por Pascale Casanova (2002) em seu livro *A República Mundial das Letras*. Segundo a autora, a participação na literatura mundial passa por instâncias de consagração específicas. No grande centro de consagração, identificado, ao menos na modernidade, com Paris, encontra-se o meridiano de Greenwich da literatura. É preciso “acertar os relógios” com esse meridiano. Assim, o caso de Miguel Austregésilo, que vai à Europa mas traz de volta ao Brasil cançonetas já conhecidas, aponta justamente para a cisão já referida entre a geografia física e a simbólica da República das Letras.

Mesmo para sentir-se apto a habitar essa república simbólica, no entanto, são necessárias redes que liguem o Brasil à Europa, seja para o recebimento de materiais impressos – cujas referências, no caso de Lima Barreto, são coladas em seu diário como as imagens em sua parede, o que aponta para a maneira também fragmentária como ocorria esse acesso -, seja para a própria possibilidade de publicação de um livro. Graças ao trabalho Francisco de Assis Barbosa, é possível retrazar a rede necessária para que o primeiro livro de Lima Barreto, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*,

fosse publicado. João Pereira Barreto, que já havia publicado um livro de versos na Livraria Clássica, em Lisboa, mandou para A. M. Teixeira, editor português, uma carta de apresentação de Lima Barreto. Antônio Noronha dos Santos, em viagem para a Europa, entregou em mãos os manuscritos do *Isaiás Caminha* para que lá fosse editado. A Casa Garnier, maior livraria e editora do Rio de Janeiro – cuja boa parte dos livros também era impressa na França, prioritariamente por motivos financeiros –, então sob o comando de Hippolyte Garnier, raramente publicava escritores não consagrados, e, segundo Lima Barreto, tinha como critério editorial “o pistolão, editando diplomatas” (BARRETO *apud* HALLEWELL, 2012, p. 286).

Joaquim Nabuco iniciará sua carreira diplomática em 1877, servindo como adido de legação na embaixada brasileira em Washington. Sua estada nos Estados Unidos gerará diversos choques em sua sensibilidade, ocasionando diversas entradas no diário bastante desfavoráveis à sociedade estadunidense de então. Muitas delas estão estreitamente relacionadas à velocidade e à falta de apego pelo passado:

Cada dia realizo mais que sairei da América do Norte sem conhecer um homem. Os verbos telegráficos deste povo são curiosos: *telegraph* parece necessário, mas *to cable* é de luxo. *To mail* e *to post*. *Telescope* é um verbo de imaginação – quando dois trens encontram-se e no choque entram um pelo outro, eles “*telescope*” isto é “oculam”, isto é, fecham-se como um óculo de alcance. “*Let us*”, (vamo-nos), é o *nec plus ultra* do gênero, por *let us go* [sic]. *Rendezvoused* não é sem *cachet*. (NABUCO, 2005, v. 1, p. 106)

A linguagem também não passa incólume às novas tecnologias e à gestão do tempo característica da sociedade estadunidense. “Aqui vive-se depressa. *Time is money* é muito literalmente entendido [...]”, anotará alguns meses depois, ao falar da maneira como seus habitantes lidam com os mortos. Nessa entrada, que agora cito na íntegra, tal atitude é justaposta às mudanças na sensibilidade causadas pelo telégrafo:

O telégrafo, pondo o mundo todo [em] contato, desenvolve muito a solidariedade humana de um modo sensível, não só de cidade a cidade, mas de povo a povo. Vê-se isso na imprensa diária. O incêndio do teatro de Brooklyn, horrível como foi, ou do hotel de Saint Louis, apenas podem ocupar a atenção de um ou dous dias porque, no dia seguinte, em alguma parte do mundo, um terremoto como o de Iquique, uma explosão, um naufrágio reclamam sua parte de interesse. Vive-se hoje quanto à soma de impressões de cada hora cem vezes mais do que antigamente, porque elas nos vêm de todos os cantos da terra. A

princípio isso determina uma certa excitabilidade nervosa, mas talvez acabe por produzir uma inteira insensibilidade. Estive neste país durante grandes acontecimentos: depois de ver a efervescência que eles produzem, é agradável ver a calma em que se deixam esquecer. Aqui vive-se depressa. *Time is money* é muito literalmente entendido, e por consequência toda a vida retroativa é desconhecida, daí a necessidade de não dar aos mortos outra prova de amizade que a de enterrá-los com flores, esquecendo-os logo em seguida como *useless*. (NABUCO, 2005, v. 1, p. 143-144)

A dupla possibilidade trazida pelo telégrafo, a solidariedade entre os povos e a insensibilidade ante as tragédias humanas, tem como ponto comum, ou, talvez, momento de transição, a excitabilidade dos nervos. Em entrada bastante próxima no tempo, Nabuco exclamará “Que tempo se perde com a leitura hoje!” (NABUCO, 2005, v. 1, p. 125). As mesmas atitudes, que acredito estarem estreitamente ligadas, reaparecerão em seus diários vinte e quatro anos depois, carregadas, no entanto, de uma maior carga de passionalidade. No dia 02 de janeiro de 1900, após a leitura de algumas polêmicas sobre se o século XX já teria se iniciado ou se se iniciaria somente no ano seguinte, Nabuco anotarà:

O fato é que a humanidade se está tornando irritável, suscetível, *fidgety*, rabugenta em extremo, sinal de que está envelhecendo, ou de que está velha, ou *détraquée* dos nervos. É o resultado do jornalismo. O jornal produz o *delirium tremens* político e nacional. Ainda o que resgata um pouco a baixeza da imprensa é o telégrafo, o cosmopolitismo, mas este, por sua vez, aumenta a vibração, o choque elétrico diário, o gasto dos nervos, o *delirium* dos agitados. O progresso, como vai? Tome-se a grafologia. No futuro virão talvez a conhecer-nos intimamente, sem nenhuma reserva, por duas linhas que deixarmos... É o caso de queimar todos os autógrafos... *Hopeless task, hélas!* (NABUCO, 2005, v. 2, p. 169-170)

A possibilidade de solidariedade e cosmopolitismo trazida pelo telégrafo é, agora, apenas um quase desprezível porém. O progresso também não parece levar ao benefício da humanidade, mas somente às entranhas dos indivíduos. A questão da temporalidade também se insinua, novamente, na sua relação com a leitura:

Para o fim da vida é preciso escolher e fechar o espírito a tudo que não nos possa dar a nossa provisão de partida para a morte [...]. Só a leitura dos jornais, que tempo toma! E as literaturas estrangeiras! Escolher entre o passado, o presente e o futuro, em matéria de leituras, se mal

não temos tempo para ler os catálogos e os índices das revistas. E quem tem filhos como eu? (NABUCO, 2005, v. 2, p. 222-223)

A angústia, ainda tão contemporânea, diante da infinidade de leituras, situação instigada, ao menos em parte, pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação e de impressão, parece remeter ao desejo de acesso à cultura como totalidade. Como na entrada com que iniciamos este texto, Nabuco busca internalizar esta totalidade: não quer ser turista, mas um viajante que procura absorver a paisagem de modo a conservá-la para sempre em si - tarefa impossível a partir da modernidade, na qual essa mesma paisagem parece incessantemente tomada por todo tipo de material impresso, trocados dia a dia. O que não impede que tente, por assim dizer, habitar o centro dessa modernidade, buscando sua consagração literária na França, em francês, com *Pensées détachées et souvenirs* e *L'option*, busca esta registrada em seus diários com muito mais afínco e incerteza do que a das obras pelas quais é conhecido em português, *Minha formação* e *Um estadista no Império*.

Lima Barreto, de maneira diferente, embora inscreva em seus diários o desejo de um glória europeia, consola-se com a aproximação simbólica com escritores da referida grande Humanidade, bem como de seus personagens. A colagem, também em seu diário, de referências literárias, filosóficas e científicas bastante variadas, incapazes de dar a este leitor qualquer imagem de totalidade fechada, parecem apontar para um processo de construção de si muito mais fragmentário, no que pesa a própria inconstância da sua prática diarística. O processo externalização, proposto no início deste texto como leitura das colagens de Lima Barreto nas paredes de seu quarto, poderia também valer para seus diários, nos quais a imagem da cultura é montada num processo de seleção do mundo e projeção de si. Ainda nesse sentido, cabe transcrever um trecho de entrada de 21 de setembro de 1921, que contém a cópia de uma carta de John C. Brenner, geólogo americano, professor de Stanford, especializado em geologia brasileira e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, a Capistrano de Abreu, na qual, entre outras coisas, agradece-lhe o envio de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e faz dele um rápido elogio: “*I am delighted with it*”. Após a transcrição da carta, Lima Barreto anota:

Observação:

O original o Capistrano deixou para que eu o visse na livraria Schettino, Sachet, 18, com o Francisco Schettino, em começos de setembro de 1921. Mande-o traduzir oficialmente pelo Guaraná. (BARRETO, 2006, p. 1331)

Lima Barreto enviará essa tradução para Antonio Noronha dos Santos, para que desse notícias da carta no jornal *Estado de Niterói*. Ignoro se essa tentativa foi bem sucedida. De qualquer maneira, a recepção no estrangeiro, dependente de frágeis redes de sociabilidade, de uma dimensão que a coloca longe de transformar-se em entrada na Cultura ou em consagração em vida, deve tornar-se pública, um fragmento a ocupar parataticamente a mancha de um jornal. Submetido largamente ao silêncio da imprensa carioca, Lima Barreto deve projetar cada valioso fragmento de sua glória literária no exterior ao público, ainda que estes fragmentos estejam destinados a ocupar apenas um pequeno espaço dentre as inúmeras leituras disponíveis, fadadas a desaparecer no dia seguinte mas com a publicidade e a materialidade necessárias para que, talvez, perdurem.

Cabe notar, no entanto, que o caráter paratático e fragmentário da experiência na modernidade não revela-se com tanta facilidade na escrita propriamente literária de Lima Barreto. Como propõe Myriam Ávila (2016), ela tem seu lugar privilegiado em seus diários, seja pelas próprias características do gênero, seja pela vontade de desvelamento dos preconceitos e exclusões identificada em seus romances. O mesmo poderíamos dizer de Joaquim Nabuco: o desejo de absorção da e na cultura como totalidade não impede nem que diversos trechos de seus diários limitem-se a vistas, nem que a escrita telegráfica e a parataxe os invadam: “De trole a Santa Albertina, vendida pelo Martinico; e de lá em trem pela fazenda Dumont (linha da empresa) a Ribeirão Preto. Engenheiro Morelli. Prato de Ravióli” (NABUCO, 2005, v. 2, p. 48).

A inscrição de um trajeto pelo interior de São Paulo, com seus meios de transporte, negócios de compra e venda, relações de propriedade, anotados rápida e sucintamente, como uma série de fotogramas, é tomado de supetão por um prato de ravióli, que desequilibra o tom da entrada, não só indicando, pela colagem, características específicas da modernização e da imigração no Estado de São Paulo então em ascensão econômica, como apontando, no domínio da escrita, que o problema crucial para o impacto do caráter paratático da experiência da modernidade na escrita

literária não está na distância entre o que o autor é capaz ou não de escrever, mas na distância entre o escrevível e o publicável.

Referências

ÁVILA, Myriam. *Diários de escritores*. Belo Horizonte: ABRE, 2016

ÁVILA, Myriam. O diário e a diáspora. *IPOTESI*, v. 15, n. 1, p. 235–240, jun. 2011.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

BARRETO, Lima. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2012.

NABUCO, Joaquim. *Diários*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi/Massangana, 2005.